

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO  
HUMANA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

Juliana Reis Bento

*Com Clarice Lispector:*  
**literatura, desamparo e escritura**

Porto Alegre

2023

JULIANA REIS BENTO

***Com Clarice Lispector:***  
**literatura, desamparo e escritura**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Zanon Moschen

Porto alegre

2023

NOME: BENTO, Juliana Reis

Título: Com Clarice Lispector: literatura, desamparo e escritura

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicanálise.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Camila Backes dos Santos (UFPA)

---

Prof. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian (UFRGS)

---

Prof. Dr. Luciano Bedin (UFRGS)

---

## AGRADECIMENTOS

*Assim, o caminho pode ser agreste, mas não será agressivo. Não é um sentimento, mas uma figura de companhia: a vida é misteriosa e desnorteante, mas não será catástrofe que nos mutile.*

Maria Gabriela Llansol

À Clarice, pela aventura.

À minha orientadora, Simone Moschen, pela condução da aventura. Quando soube da minha aprovação para o Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, não imaginei que esse caminho seria percorrido com tamanha delicadeza e poesia.

A Luciano Bedin, Sandra Torossian, Camila Backes e Flávia Trocoli, pela banca de qualificação e por aceitarem estarem na banca de defesa.

Ao grupo de orientação, sem o qual esta escrita não teria acontecido: Ana Luíza Borges, Ana Laura Menezes, Clarissa Burin, Gabriele Gomes, Janniny Kierniew, Júlia Coelho, Larissa Gasparin, Larissa Neubarth, Leonardo Zimmer, Lia Aguirre, Luísa Puricelli Pires, Nathali Batistel, Ricardo Giacomoni, Rosi Isabel Bergamaschi Chraim, Silvia Ferreira, Tatiana Michaelsen e Verônica Ezequiel.

Às/Aos minhas/meus colegas de mestrado e às/aos minhas/meus professores do PPGCLIC, pelas trocas e ensinamentos.

Ao grupo lindo que se formou para dar borda ao desamparo que acompanha jovens psicanalistas em formação: Amanda Costa dos Santos, João Pedro Oliveira, Luís Fontana, Luiza Nascimento e Tatiana Michaelsen.

Ao grupo Grafias: práticas da letra, por ser *pulsão de escrita*.

Às minhas queridas amigas Tatiane Fernandes e Karine Rodrigues, por serem constância.

À minha mãe, pelo primeiro livro; ao meu pai, pela leitura; e à Marciele, minha mana, pelas inúmeras tardes em que inventávamos nossa própria língua.

Ao Igor, por me falar a língua das estrelas.

A Péta e Zinha, vidas que me permitem ser *viva no meio do vivo*.

*Apesar de tudo, o impossível  
apesar de tudo o que querem, apesar  
de tudo já ter sido dito, é preciso dizer  
que tudo ainda está por se dizer,  
que estou aqui, mais uma vez para dizer  
que ainda resta a dizer o que quer que o possa  
ser dito, que ainda resta o que dizer,  
porque querem que nada mais reste  
a dizer, querem silenciar o que há  
para ser dito, como quem silencia  
toda e qualquer possibilidade que afete  
o possível, estou aqui, então dizendo  
que ainda há o que dizer  
mesmo que isso não seja dito  
com qualquer esperança, digo, mesmo  
sem qualquer esperança, mesmo sem medo,  
digo mesmo na vulnerabilidade atizada  
que nos constitui, na vulnerabilidade  
que, apesar de tudo, nos desconcerta  
o medo, levando-nos, apesar de tudo  
a irmos, arrepiados, aonde não iríamos,  
que nos dificulta o fato de ainda termos  
o que dizer, mas, ao mesmo tempo  
o instiga, instiga o que resta a dizer  
instiga a possibilidade do impossível*

Alberto Pucheu

## RESUMO

Este trabalho nasceu do interesse de pensar a noção de desamparo na teoria psicanalítica *com* a escrita de Clarice Lispector. Na psicanálise, essa noção transcende a mera incapacidade psicomotora do recém-nascido, tornando-se uma condição inerente a todo ser de linguagem. O sujeito não apenas se encontra desamparado no mundo como ser de linguagem, como também desamparado na própria linguagem. A partir dessa abertura, aventuramo-nos pela leitura da obra de Clarice Lispector, tendo como ponto inicial os fragmentos recolhidos de suas crônicas que revelaram uma maneira única com a qual a autora trabalha a linguagem e a escrita, tornando evidente uma forma de escrita rodeada pelo desamparo. O desamparo em Clarice Lispector cria caminhos, escreve, desdobra-se e segue à escritura, construindo assim uma borda, numa forma de escrever adiando abismos.

Palavras-chave: Clarice Lispector, psicanálise, literatura, desamparo, escritura.

## ABSTRACT

This work was born from the desire to investigate the notion of helplessness in psychoanalytic theory *with* Clarice Lispector's writing. In psychoanalysis, this notion transcends the mere psychomotor incapacity of the newborn, becoming an inherent condition to every being of language. The subject is not only found in a state of helplessness in the world as a being of language but also within language itself. From this opening, we venture into the reading of Clarice Lispector's work, starting with the fragments collected from her chronicles, which revealed a unique way in which the author approaches language and writing. This approach can be characterized as a form of writing surrounded by helplessness. The helplessness in Clarice Lispector creates paths, writes, unfolds, and reaches the writing, thus constructing a boundary, in a way of writing that suspend abysses.

Keywords: Clarice Lispector, psychoanalysis, literature, helplessness, writing.

## RESUMEN

Este trabajo nació del interés de reflexionar sobre la noción de desamparo en la teoría psicoanalítica *con* la escritura de Clarice Lispector. En el psicoanálisis, esta noción trasciende la mera incapacidad psicomotora del recién nacido, convirtiéndose en una condición inherente a todo ser de lenguaje. El sujeto no solo se encuentra desamparado en el mundo como ser de lenguaje, sino también desamparado dentro del propio lenguaje. A partir de esta apertura, nos aventuramos en la lectura de la obra de Clarice Lispector, teniendo como punto de partida los fragmentos recogidos de sus crónicas, que revelaron una forma única con la que la autora trabaja el lenguaje y la escritura, evidenciando una forma de escritura rodeada por el desamparo. El desamparo en Clarice Lispector crea caminos, escribe, se despliega y sigue a la escritura, construyendo un borde, en una forma de escribir posponiendo abismos.

Palabras clave: Clarice Lispector, psicoanálisis, literatura, desamparo, escritura.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO – SOBRE LITERATURA, DESAMPARO E ESCRITURA .....</b>	<b>9</b>
<b>1 LITERATURA .....</b>	<b>17</b>
Linguagem .....	20
<i>com psicanálise</i> .....	26
<i>com Clarice</i> .....	33
Leitura .....	36
<b>2 DESAMPARO .....</b>	<b>46</b>
A Coisa .....	49
Nascimento .....	60
Morte .....	69
<b>3 ESCRITURA .....</b>	<b>76</b>
Da impotência ao (im)possível.....	79
Escrever adiando abismos .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO – SOBRE LITERATURA, DESAMPARO E ESCRITURA

*A literatura não permite andar, mas permite respirar.*

Roland Barthes

*Agora eu conheço esse grande susto de estar viva, tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva. De estar viva – senti – terei que fazer o meu motivo e tema. Com delicada curiosidade, atenta à fome e à própria atenção, passei então a comer delicadamente viva os pedaços de pão.*

Clarice Lispector

*Escrever converte-se, então, no seio do desamparo e da fraqueza de que esse movimento é inseparável, numa possibilidade de plenitude, num caminho sem objetivo capaz de corresponder, talvez, a esse objetivo sem caminho que é o único que cumpre atingir.*

Maurice Blanchot

“Uma coisa eu já adivinhava: era preciso tentar escrever sempre, não esperar por um momento melhor porque este simplesmente não vinha”. Assim Clarice Lispector reflete sobre o seu fazer literário em uma de suas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil*,<sup>1</sup> em 2 de maio de 1970, intitulada “Escrever”. E, seguindo seus passos, lanço esta dissertação à constelação de sua escrita. Escrever: “procurar em si próprio a nebulosa que aos poucos se condensa, aos poucos se concretiza, aos poucos sobe à tona – até vir num parto a primeira palavra que a exprima” (LISPECTOR, 2018, p. 284). Olho o texto de Clarice e traço trajetórias como quem desenha constelações num mapa celeste; a imensidão me chama e do brilho das estrelas que chegam à terra com alguns anos de atraso, saltitam partículas biografemáticas.<sup>2</sup> Recolho *literatura, desamparo e escritura*, partículas que permitirão a abertura para uma leitura *com* a psicanálise para a escrita desta dissertação.

### **Quando o que se encontra é a imensidão da descoberta de um mundo**

O que é preciso ao dar início a uma dissertação que conjugue psicanálise com literatura? Quais palavras usar e como conjugá-las? Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer?, pergunta-se o autor de *A hora da estrela*, Rodrigo

---

<sup>1</sup> O *Jornal do Brasil*, jornal de grande circulação criado em 1891. Clarice contribuiu com ele entre 1967 e 1973. As crônicas foram consultadas nos livros *A descoberta do mundo* e *Todas as crônicas*.

<sup>2</sup> Sobre “biografema”, neologismo de Roland Barthes, veremos na seção “Leitura” deste capítulo.

S. M. (na verdade, Clarice Lispector) (LISPECTOR, [1977] 2020d, p. 9). Junta-se os pedaços escritos e espalhados e assim se escreve uma dissertação?

Virá como intuição? Virá ao abrir um livro? Virá quando eu estiver ouvindo música? Uma das coisas mais solitárias que eu conheço é não ter premonição. (LISPECTOR, [1977] 2020d, p. 104)

Por também não ter premonição, procuro em outros lugares, e em Maurice Blanchot (2011a, p. 51) encontro que “escrever só poderia ter sua origem no ‘verdadeiro’ desespero, aquele que a nada convida e desvia de tudo e, em primeiro lugar, retira a quem escreve sua caneta”. Na indeterminação que a escrita lança aquele que escreve, manter um modo interrogativo, talvez seja a única forma possível de começar e continuar.

Convocada a esse desamparo, na imensidão das perguntas que a *descoberta de um mundo* conjuga, escrevo os encontros – como bússolas norteadoras na imensidão da experiência da escrita de uma dissertação – e reencontros com o tema, com a escritora, com a orientadora, com o grupo de pesquisa. Poderia começar pelo meio, assim como Clarice, mas foram os encontros iniciais com o grupo de pesquisa NUPPEC – Eixo 2, com o grupo Graphias: Práticas da Letra e com os cursos de extensão dirigidos por Simone Moschen e Lucia Castello Branco que movimentaram a escrita desta dissertação. Embora a dissertação tenha sido elaborada em um contexto de isolamento físico devido a pandemia de COVID-19, a pesquisa foi profundamente contaminada pela companhia desses grupos, podendo o significante “contaminada” deslizar para um afetamento necessário à escrita de uma pesquisa. Esses grupos aparecem como refúgio da psicanálise na universidade, “numa cultura” como escreve Ram Mandil (2005, p. 45) “cada vez mais propensa a tratar o real pela supressão de suas manifestações”.

Até a entrada no Programa Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS, meu conhecimento sobre a extensão das obras escritas sobre Clarice Lispector era limitado. Havia lido alguns de seus livros de contos durante a adolescência e não poderia imaginar o extenso número de trabalhos que já fizeram interlocução entre os dois campos de estudo que me interessavam: literatura e psicanálise. Ou melhor, literatura com psicanálise, como sugere a professora Simone Moschen – orientadora desta dissertação – durante um encontro de orientação no dia 31 de março de 2023, ao conversarmos sobre literatura e psicanálise. Nessa preposição *com* estaria presente uma possibilidade de atrito entre as duas áreas, atrito que gera chama, e que chama pode ser

pensada como aquilo que nos interroga no texto. O que produz um chamado. “Perguntar o que me chama é uma pergunta libertadora”, recorda Simone Moschen, frase escrita por Maria Gabriela Llansol (2011. p. 120) em *Um falcão no punho*. O que me faz recordar um fragmento de Clarice Lispector intitulado “Como se chama” em *Para não esquecer*: “o único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta” (LISPECTOR, 2020e, p. 31).

Assim, prefiro escrever em *companhia* de Clarice Lispector, mantendo a leitura de cabeceira mas permitindo uma leitura-escrita de pesquisa e descobrindo os inúmeros caminhos possíveis dessa interlocução. Falta-me o ar, respiro, e num exercício metodológico, intento a respiração dentro do texto, cadenciada pela leitura, transformando-a em escrita – como Roland Barthes (2012, p. 26) diria: escrever a leitura, num movimento de *ler levantando a cabeça*.

Durante o percurso do mestrado, novas questões surgiram, especialmente sobre a literatura e a forma como Clarice Lispector reflete sua época, deixando uma marca significativa na literatura ao mesmo tempo em que nega escrevê-la: “a palavra literatura me eriça o pelo como o de um gato” (LISPECTOR, [1984] 2020c, p. 92). Debruçando-me sobre o trabalho de Jacques Lacan ([1959-1960] 2008), em seu seminário sobre a ética da psicanálise, também me interessei pelo desamparo e sua intimidade com *das Ding*, com o vazio, que permite o silêncio no texto, aproximando-me da Coisa Clariceana. Assim, em minha produção textual também interessou-me dar ênfase a fragmentos de autores que se dedicam a pensar a escritura, bem como a relação entre o autor e o leitor no contexto da criação literária. Com isso, novos companheiros teóricos, para além da psicanálise, surgiram, como Roland Barthes e Maurice Blanchot. Com essas três palavras – *literatura*, *desamparo* e *escritura* – ressoando na leitura, retorno ao oracular livro de crônicas *A descoberta do mundo* procurando por fragmentos que me indicassem algum caminho. O que parecia ser um amparo, escolher um livro base para a pesquisa, desdobrou-se em uma aventura por outros gêneros e títulos da obra da autora. Constantemente, as crônicas me enviavam para outros lugares, desamparando-me a cada descoberta: um mundo.

### **Quando o que se encontra é o fragmento**

Enquanto trilhava os caminhos da escrita desta dissertação, mergulhei meu interesse em fragmentos que dão forma a um texto ou a uma obra e encontrei nas

crônicas de Clarice Lispector – como se a tesoura da pesquisa recortasse trechos que ecoasse o *desamparo e a escritura* – palavras-fragmentos. Como pensar a psicanálise a partir da obra de Clarice Lispector?

Nossa leitura irá além do simples exercício comparativo entre os dois campos – literatura e psicanálise - ela se concentra na ênfase dos aspectos mais significativos da prática fragmentada que impulsiona a produção escrita da autora cuja totalidade não tenho a ilusão de abarcar. Desta forma, utilizarei a literatura de seus textos-fragmentos, recordando, com Jacques Lacan (1998, p. 758), que

A psicanálise só se aplica, em sentido próprio, como tratamento, e portanto, a um sujeito que fala e que ouve. Fora desse caso, só pode tratar-se do método psicanalítico, aquele que procede à decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado.

Tomo o texto literário, assim, como ponto de partida para a reflexão das construções teóricas da literatura e da psicanálise, sem a intenção de estabelecer uma comparação direta entre suas escritas e os conceitos abordados. Não sendo a proposta dessa dissertação uma psicanálise aplicada ao texto, os fragmentos não figuram aqui a título de signos de reconhecimento, mas de problemas teóricos cujas consequências estão por ser exploradas, cujas possibilidades ainda estão por se demonstrar e se articular pelo testemunho singular de um texto literário, adotando a leitura como método que tensiona esses dois campos, quando proponho pensar uma psicanálise *com* literatura, engajando-me na elaboração do texto enquanto ele me escreve. Como lemos com Ruth Silviano Brandão (2001, p. 148),

A psicanálise trabalha com o texto escrito, reescrito, copiado, invertido, produzido por várias vozes, e que constitui a verdade de cada sujeito falante que deixa fluir esse discurso [...] e as citações são as marcas de quem escreve, de suas escolhas, de suas viagens por outros textos, e através delas o leitor constrói seu trabalho de leitura/escritura, reescrevendo seu próprio texto interno no texto alheio. Texto interno que já é retalho, fragmento, corpo feito de outros tecidos/textos.

Hélène Cixous (2022, p. 8), em *A hora de Clarice Lispector*, diz que há na escrita de Clarice uma forma de “cercar o nascimento da vida com os cuidados mais delicados”, uma ciência da ternura que nos permite alcançar os segredos mais profundos das coisas. Clarice, para Hélène, encaixa-se nesse grupo de mulheres capazes de perceber os sinais da vida em seus ínfimos começos e que por isso escrevem. Escrita

transformada em mão que muito gentilmente vai ao encontro daqueles que vagueiam no deserto da linguagem.

Há aquelas cujas vozes baixam como uma chama, mal falam, mas chegam ainda mais perto, mais perto dos segredos das coisas, baixam até o chão, se deitam, tocam com a mão o chão imperceptivelmente trêmulo, escutam a música da terra, o concerto da terra com todas as coisas, há essas mulheres cujas vozes percebem os sinais da vida em seus ínfimos começos. Se elas escrevem, é para cercar o *nascimento* da vida com os cuidados mais delicados. Elas me ensinaram que a ternura é uma ciência. E seus escritos são vozes transformadas em mãos para virem muito gentilmente ao encontro de nossas almas; quando procuramos, sentimos a necessidade de procurar o que nosso ser tem de mais secreto. Porque uma voz de mulher despertou nosso coração. (CIXOUS, 2022, p. 8)

Há um frio que permeia as almas, as palavras e os momentos. É como se houvesse um ar gélido soprando ao nosso redor congelando ouvidos, tornando-os incapazes de escutar. Clarice Lispector, para Cixous (2022, p. 9), é a escritora que com “passos de anjo” traduz a busca por uma linguagem ou forma de expressão que lhe permitiu não querer fugir da pergunta que obstruía sua garganta como um nódulo de silêncio seco, de silêncio inerte e surdo: mudez. Onde só havia a barreira imposta por esses tempos distantes e de frieza. A busca por uma interpretação, uma tradução das palavras que foram outrora, “escrita terrestre, vegetal, da época em que a terra era a mãe soberana, a boa professora, e nós crescemos em suas escolas, em seu ventre” (CIXOUS, 2022, p. 10).

De camada em camada subterrânea chego ao primeiro homem criado. Chego ao passado dos outros. Lembro-me desse infinito e impessoal passado que é sem inteligência: é orgânico e é o que me inquieta. Eu não comecei comigo ao nascer. Comecei quando dinossauros lentos tinham começado. (LISPECTOR, [1978] 2020g, p.33)

Esta dissertação, escrita durante a pandemia de covid-19 que vitimou mais de 700 mil vidas no Brasil, agravada devido às ações políticas do governo de Jair Bolsonaro, também passa por esse momento de desolação, em que os sentidos parecem amortecidos, vozes foram silenciadas, em que “os anos têm quatro invernos” (CIXOUS, 2022, p. 33). No entanto, há um anseio implícito por uma tradução ao desamparo. Essa busca pode ser vista como um convite ao laço desde a impossibilidade da linguagem, da interpretação sensível e da expressão autêntica em tempos difíceis

Porque nesses tempos de inércia, quando nos esquecemos de escutá-la, temos as mãos congeladas, os braços imóveis, ficamos quietos sob o silêncio sem proximidade, precisamos que as coisas nos chamem sete vezes. E talvez mesmo assim nossos ouvidos não estejam vivos o suficiente, nem corajosos o suficiente, para ouvi-las? (CIXOUS, 2022, p. 33)

Dessa forma, permitamo-nos ser contaminados – essa palavra que traz em seu encadeamento a palavra transmissão – nessa busca em que “o ordinário se abre e mostra seu tesouro que é precisamente... ordinário” (CIXOUS, 2022, p. 76).

Ordinário assim como o gênero de escrita de Clarice Lispector, que inicialmente me chamou à pesquisa pela sua aparente simplicidade, mas que, ao mergulhar em suas crônicas, revelou um universo cotidiano transgressor.<sup>3</sup>

Georges Didi-Huberman (2021) chamou o trabalho jornalístico de Clarice Lispector de uma “vertical das emoções”, onde ao invés de serem crônicas que narram um cotidiano, é uma escrita que interroga um “saber-questão”. Essas crônicas, na leitura de Didi-Huberman (2021), demonstram tamanha lucidez que chega a um não saber ou um saber, uma vez que nessa vertical de emoções, saber e não saber não se opõem, pois mesmo que beire um saber, este não se cristaliza, mas movimenta a vertical, fazendo que continue a crescer brotos, caule e mais raiz, “isto é, um saber feito de questões direcionadas ao mundo, mas também de perguntas endereçadas a si mesmo” (DIDI-HUBERMAN, 2021, p. 19). Crônicas que, como uma árvore que rompe a planura do solo e “das paixões tristes e da vida cotidiana”, florescem numa exposição de sentimentos. As crônicas de Clarice não podem ser resumidas a narrações cotidianas e relatos históricos, por mais que também não seja totalmente seu contrário. Essas crônicas-fragmentos servem, segundo Didi-Huberman (2021), como *agente de pulsões*, desdobrando-se nesta vertical que desce e sobe, em movimento perpétuo de afetos que nascem e morrem numa linguagem em devir, “pois o que é vivo vai para”

---

<sup>3</sup> Embora não seja o foco principal desta dissertação a discussão em torno do gênero literário da crônica e a relação das crônicas de Clarice com esse gênero, é interessante notar que Clarice Lispector menciona repetidamente que seus fragmentos escritos para o Jornal do Brasil não podem ser categorizados estritamente como crônicas. Mesmo em suas colunas femininas, Clarice não se limitava a abordar exclusivamente temas femininos. Exemplo disso é a crônica intitulada “Cinco relatos e um tema” – também publicada como conto “A quinta história”, em *Felicidade clandestina* –, na qual ela narra a história de uma mulher que lida com a presença de baratas. Embora seja um problema doméstico comum, Clarice retrata a situação de forma diferenciada das expectativas de uma escritora de páginas femininas de sua época. Além disso, é importante mencionar que Clarice também escreveu muitas crônicas como *ghostwriter*. Para obter mais informações sobre as crônicas de Clarice nas colunas femininas, é recomendado consultar as o livro *Cronicas travestis: el periodismo transgresor de Alfonsina Storni, Clarice Lispector y Maria Moreno*, de Mariela Mendez (2017).

(LISPECTOR, [1984] 2020c, p. 35). Ao se equilibrar na vertical sem a terceira perna,<sup>4</sup> a autora reflete em suas crônicas a dor e o “terror” (p. 178) no nascimento, enquanto a morte é o que está no desconhecido: “morrer terá a mesma pungência indivisível do bom” (p. 37). Das veias que jorram emoções semanalmente na Seção B do *Jornal do Brasil*, Clarice faz do desamparo seu motivo e seu tema de escrita.

As contribuições da autora para jornais e revistas não se limitam à sua contribuição para o *Jornal do Brasil*, que ocorreu de agosto de 1967 a dezembro de 1973, mas desde muito antes, quando Clarice enviava textos para serem publicados na seção infantil do jornal *Diário de Pernambuco*, às quintas-feiras. Seus textos que “eram sensações” dificilmente começavam com “era uma vez” e quando tenta começá-los, o que escreve é: “Era uma vez um pássaro, meu Deus” (LISPECTOR, [1984] 2020c, p. 522), fazendo com que os textos infantis de Clarice nunca tenham sido publicados.

Foi através desse encontro com o ordinário abismal que fui conduzida a explorar outras obras<sup>5</sup> da autora e ressoar aqueles fragmentos que pensamos dizer sobre o desamparo e a escrita para este trabalho. Um ordinário não previsível, escreve Cixous (2022, p. 76), que “de repente chega como uma rajada – de vento, de fogo, uma mordida: a vida”. Uma escrita destinada a desenterrar, a escavar a terra e expor a matéria viva e os inesgotáveis mistérios de nosso planeta, essa obra busca resgatar tudo o que existe do esquecimento que permeia nossa existência cotidiana. Reinos, espécies e seres – *tudo merece ser salvo e nomeado*, do mais esplêndido ao mais banal.

Do alto da escritura de Clarice Lispector, espanto-me, olho o abismo e dele surgem palavras: literatura, desamparo, nascimento, morte, e retornam ao abismo. O que ficava das palavras era a sua ausência, ausência da palavra que é a *Coisa*. Assim, este trabalho se propõe a ser um estudo teórico-conceitual, mapeado por esses significantes

---

<sup>4</sup> Referência a *A paixão segundo G.H.*

<sup>5</sup> Vilma Arêas, em *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, escreve que o trabalho de Clarice Lispector geralmente é dividido de duas formas, uma como aquela que fora escrita das entranhas, “isto é, composta sem injunções e sujeita apenas à intermitência da inspiração” (ARÊAS, 2005, p. 14), que seria composta pelos seus romances *Perto do coração selvagem* e *A paixão segundo G. H.*, com exceção de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*; e a literatura derivada da “ponta dos dedos, submetida às imposições exteriores” (ARÊAS, 2005, p. 14), que seriam suas colunas em revista, seu livro *A via crucis do corpo* e suas crônicas, ou seja, trabalhos encomendados a Clarice. Nesse movimento associativo durante a leitura das crônicas de Clarice, Arêas (2015) escreve: “os textos escritos nas pontas dos dedos possuem relação profunda com o restante da obra. Sendo de temperaturas diferentes, eles retraçam um movimento coerente e circular, embora intermitente, articulando-se um com os outros, apesar das dificuldades do que a escritora chama de ‘inspiração’ e de seus tempos mortos. O procedimento, por si mesmo fraturado, apresenta seu resultado como um produto ao mesmo tempo vanguardista e regressivo, que é um dos entraves para a compreensão dessa obra” (ARÊAS, 2005, p. 15).

que antes diziam de uma impotência diante da imensidão da descoberta de um mundo.  
O que antes era impotência lançou-se ao impossível, e aí se escreve. Entre a literatura e a escritura, escreveu-se o desamparo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eis aqui alguns resíduos de minha última investida. Eu só consigo compor os detalhes no processo de escrever. Esse processo segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o bem conhecido princípio de Itzig, o cavaleiro de domingo: “Itzig, aonde você vai?” ‘E eu sei? Pergunte ao cavalo.” Eu nunca comecei um único parágrafo sabendo de antemão onde terminaria.*

Sigmund Freud

*Se... eu pelo menos cheguei a sugerir que a coisa é muito mais do que consegui dizer, então na verdade eu fiz muito: eu aludi!*

Clarice Lispector

“Tudo acaba, mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (LISPECTOR, [1973] 2020a, p. 78). Assim fez Clarice Lispector ao longo de sua vida: manteve o começo sempre a começar, mesmo que esse começo prossiga entrelaçado com o desamparo de estar viva, fez dele seu tema de escrita e de vida. Tecia fragmentos, trabalhando em ruínas,<sup>6</sup> com o desamparo, que ora se manifestavam em seus romances, ora em suas crônicas, ora em seus contos, em um movimento constante e pendular de repetição, na tentativa de dar forma ao que é impossível, procurando o (re)nascimentos pela (da) palavra e aproximando-se da morte, permitindo que as entrelinhas sejam um espaço habitável pelos iniciados. Porém, esse movimento pendular entre os fragmentos da escrita de Clarice, neste momento, assume a forma de uma finalização. Se antes a dificuldade residia em como começar a escrita, agora, ao concluir, deparo-me com outro problema: como terminar esse sem começo que é uma escrita?

Sabendo que toda conclusão é provisória e forçosamente parcial, proponho-me não concluir, mas lançar este escrito para ressoar na continuação do pensamento, assim como o sonho que sonha a leitora e que abre a escrita desta pesquisa. Não me proponho conclusão, proponho-me tema, tema leitura, tema escritura, tema vida, numa continuação como a máquina que não para de escrever: “É que, ao escrever, eu me dou as mais inesperadas surpresas. É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente

---

<sup>6</sup> Em *Um sopro de vida*, o narrador Autor, ao explicar o que é o livro que está a se escrever, escreve: “O que está escrito aqui, meu ou de Ângela, são restos de uma demolição de alma, são cortes laterais de uma realidade que se me foge continuamente. Esses fragmentos de livro querem dizer que eu trabalho em ruínas.” (LISPECTOR, [1978] 2020g, p. 19).

de coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia nada.” (LISPECTOR, [1984] 2020c, p. 327).

Decomponho, então, a última dobra desta aventura que tentou estabelecer um diálogo da psicanálise com a literatura, tensionando o “e” que geralmente se encontra no meio desses dois campos – psicanálise e literatura –, propondo um espaço intermediário: nesse espaço do “com”, nem a literatura nem a psicanálise são superiores uma à outra, ainda que também não estejam em pé de igualdade, mas dialogando constantemente, produzindo perguntas uma sobre a outra. A par disso, busquei uma forma de ler o texto, e encontrei com Shoshana Felman um outra volta na interpretação, uma forma de tomar o texto literário a partir da psicanálise como forma de permitir uma leitura em que a interpretação aparece como uma alusão. Essa ética da leitura leva ao desdobramento de significados, em vez de impor uma interpretação rígida, permitindo ambiguidades do texto resistindo à interpretação, guardando um espaço para o enigma, para a loucura do texto.

Minha salvação está no segredo. E tudo o que eu falo é para dizer nada. No meu núcleo secreto eu respiro. E minha respiração é só o que eu tenho. Calo-me. Porque não sei qual é o meu segredo. Conta-me o teu, ensina-me sobre o secreto de cada um de nós. Não é segredo difamante. É apenas esse isto: segredo. E não tem fórmulas. Viver, afinal de contas, é entre dois nadas: antes do nascimento e depois da morte. (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 19)

A psicanálise, longe de reduzir a palavra “desamparo” a uma mera questão biológica, aprofundou cada vez mais essa noção, permitindo, com esse aprofundamento, a realização deste trabalho, visto que ao longo das formulações de Freud e outros sobre o desamparo, a palavra revelou-se muito mais do que uma descrição da condição humana de um recém-nascido prematuro. Ela se revelou como uma forma de existir na linguagem, a única forma possível de existência.

Essa perspectiva me permitiu buscar na palavra o que dela emerge, como partículas vivas do texto: o nascimento do ser uno que se divide em dois, o autossacrifício necessário para habitar o mundo da linguagem, as pequenas transgressões à lei, os estados de graça e a morte, mas a morte do autor como aquela que permitirá a escritura. Para deslizar de uma palavra a outra, foi preciso fragmentar o sentido, e assim percorremos a Coisa, o nascimento e a morte, tendo como elemento em comum, o desamparo. Cheguei, então, na escritura como aquilo que foi destilado da

literatura e do desamparo, esse lugar de ausência, lugar que para Clarice não faz função sublimatória, já que para ela o que está em jogo é a sua literatura como fracasso, como ao ser perguntada em uma entrevista se a literatura compensa, respondendo: “De jeito nenhum. Escrever é um dos modos de fracassar.” (LISPECTOR, [1984] 2020c, p. 72). Desse lugar do fracasso, a obra não figura como um lugar apaziguador, mas como aquilo que exige um eu desprovido de máscaras; aproxima-se de uma escritora “sem literatura” (Barthes, 2020), num atravessamento de uma paixão da escrita que ultrapassa o mero ofício ou atividade criativa. Para Clarice, a escrita figurava como uma necessidade visceral e uma vocação que emanava de seu âmago, convocando-a aos recantos da linguagem,

[...] em busca de uma realidade sonhada [num] buscar que se repleta o vazio. Mas existe uma ilusão sempre renovada: quando a busca encontra, nasce outro vazio [...] só a falta me justifica uma Busca jamais atingida. Mas enquanto isso, hoje é hoje. (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 36)

Por ora, a *procura* finaliza, o sonho acaba e Clarice repousa sentada na beirada da Terra, balançando suas pernas, enquanto aqui na Terra amanhece “com chuva abundante nas florestas e o sussurro das ventanias” (LISPECTOR, [1978] 2020g, p. 174). E o resto? “o resto é a implícita tragédia do homem” (LISPECTOR, [1978] 2020g, p. 175).

## REFERÊNCIAS

### De Clarice Lispector

LISPECTOR, C. (1973). *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020a.

\_\_\_\_\_. (1969). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020b.

\_\_\_\_\_. (1949). *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

\_\_\_\_\_. (1984). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020c.

\_\_\_\_\_. (1977). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020d.

\_\_\_\_\_. *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020e.

\_\_\_\_\_. (1964). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2020f.

\_\_\_\_\_. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

\_\_\_\_\_. *Todos os contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

\_\_\_\_\_. (1978). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020g.

\_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020h.

### Sobre Clarice Lispector

ARÊAS, V. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BORELLI, O. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CAMILLO PENNA, J. O nu de Clarice Lispector. *Alea*, v. 12, n. 1, p. 68-96. 2010.

CIXOUS, H. *A hora de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

DIDI-HUBERMAN, G. *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FONSECA, A. S. de S. Clarice Lispector: o rio que deságua na fonte. *Ângulo*, v. 111, n. out./dez., p. 13-18, 2007.

GOTLIB, N. B. Clarice *Uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

MENDES, M. *Crônicas travestis: el periodismo transgresor de Alfonsina Storni, Clarice Lispector y Maria Moreno*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2017.

NODARI, A. O indizível manifesto: sobre a inapreensibilidade da coisa na “dura escritura” de Clarice Lispector. *Revista Letras*, n. 98, p. 83-113, jul./dez. 2018.

NUNES, B. Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção. *Remate de Males*, Campinas, n. 9, p. 63-70, 1989.

PEREIRA, M. E. C. “Mineirinho” ou o horror do gozo: o desamparo e o Outro. *Psychê* – Revista de Psicanálise, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 121-132, nov. 2000.

PELLEGRINO, H. *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

PESSANHA, J. A. M. *O conselho do amigo – Carta à Clarice Lispector*. In: LISPECTOR, C. *Água Viva*; Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

ROSENBAUM, Y. O desamparo como modo de subjetivação: Clarice Lispector e Guimarães Rosa. *Psychê: revista de psicanálise*, São Paulo, ano IV, n. 6, p. 151-160, nov. 2000.

SANTIAGO, S. A aula inaugural de Clarice. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 dez. 1997, p. 5-14. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/07/mais!/20.html>. Acesso em: 21 maio 2023.

SEBASTIÃO, A. K. A. *Livrar-se da escrita [manuscrito]: Clarice Lispector e a liberdade de ninguém / Alex Keine de Almeida Sebastião*. – 2019.

SOUSA, C. M. de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. Braga: Barbosa & Xavier Ltda., Artes Gráficas, 2000. (Coleção Poliedro, v. 3)

TROCOLI, F. Impossibilidade e impotência: trajetórias da representação em Clarice Lispector. *Revista Letras*, Curitiba, v. 64, p. 33-44, 2004.

WISNIK, J. M. Diagramas para uma trilogia de Clarice. *Revista Letras*, Curitiba, n. 98, p 282-307, jul./dez. 2018.

## **Geral**

ASSIS, M. de. A mosca azul. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*, v. IV. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BADIOU, A. Por uma estética da cura analítica. *Letra Freudiana: A psicanálise e os discursos*, Rio de Janeiro, n. 34/35, ano XXIII, p. 237-242, 2004.

BARRENTO, J. O que resta sem resto, do ensaio ao fragmento. In: \_\_\_\_\_. *O gênero intranquilo: anatomia do ensaio e do fragmento*. Lisboa. Assírio e Alvim, 2010. p. 61 - 78.

BARTHES, R. *Aula: aula inaugural na cadeira de semiologia literária do Colégio de França*, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2013.

\_\_\_\_\_. Da ciência à literatura. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012a. p. 3-13.

\_\_\_\_\_. *O neutro: anotações de aulas e seminários ministrados no Collège de France, 1977-1978/ Roland Barthes; texto estabelecido, anotado e apresentado por Thomas Clere; tradução Ivone Castilho Benedetti. – São Paulo: Martins Fontes, 2003. \_\_\_\_\_. *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70, 2020.*

\_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012b.

\_\_\_\_\_. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2005.

BIRMAN, J. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 9-30, 1999. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311999000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311999000200002&lng=en&nrm=iso). Acesso: em 3 jul. 2023.

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

\_\_\_\_\_. *O instante da minha morte*. Porto: Campo das Letras-Editores, S.A, 2003.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

BRANDÃO, R. S. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2006.

\_\_\_\_\_. A vida escrita: os impasses de escrever. In: BARTUCCI, G (Org.). *Psicanálise, literatura, estética e subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 145-170.

\_\_\_\_\_. *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1996.

CARDOSO, L. *Diários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARONE, A. M. *A lucidez imperfeita: ensaio sobre Freud como escritor*. 2008. 157f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4751/1809.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CASTELLO BRANCO, L. *Chão de letras: as literaturas e a experiência da escrita*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os ínvios caminhos: escrever, ler, psicanalisar*. Belo Horizonte: Cas' a edições, 2019.

\_\_\_\_\_. (Org.). Breve Glossário imperfeito de noções em tradução (em que se explicam não-todas). In: *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise*. Belo Horizonte: Letramento, 2020. p.17-32.

CASTELLO BRANCO, L.; ANDRADE, V. B. *Livro de asas para Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CHAVES, E. Perder-se em algo que parece plano. In: FREUD, S. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 153-172.

CHEMAMA, R. *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*. Porto Alegre: CMC Editora, 2002.

CIXOUS, H. Evolução da noção de epifania. *Letra Freudiana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 13, p. 129-132. 1993.

COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DURAS, M.. *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

\_\_\_\_\_. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

FELMAN, S. A loucura e a coisa literária. In: *Shoshana Felman e a coisa literária: escrita, loucura, psicanálise*. Belo Horizonte: Letramento, 2020. p.39-296.

FREUD, S. (1893). Caso clínico: Sra. Emmy Von N... 40 anos, da Livônia. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 75-155. (Obras completas, v. 2)

\_\_\_\_\_. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v, 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 355-466.

\_\_\_\_\_. (1907). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In: \_\_\_\_\_. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a. p. 10-81 (Obras completas, v. 8)

\_\_\_\_\_. (1923). O eu e o id. In: \_\_\_\_\_. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, v. 16)

\_\_\_\_\_. (1919). O infamiliar. In: \_\_\_\_\_. *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. p. 27-125.

\_\_\_\_\_. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: \_\_\_\_\_. *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-124. (Obras completas, v. 17)

\_\_\_\_\_. (1930). O mal-estar na cultura. In: \_\_\_\_\_. *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c. p. 305-405.

\_\_\_\_\_. (1908). O poeta e o fantasiar. In: \_\_\_\_\_. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020d. p. 53-64.

\_\_\_\_\_. (1912). Sobre a mais geral degradação da vida amorosa. In: \_\_\_\_\_. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020e. p. 137-153.

\_\_\_\_\_. (1910). Sobre psicanálise selvagem. In: \_\_\_\_\_. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”) e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 324-333. (Obras completas, v. 9)

\_\_\_\_\_. (1930). Prêmio Goethe. In: \_\_\_\_\_. *Arte, literatura e os artistas*; tradução Ernani Chaves. –1. Ed; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autentica, 2020g. p. 307-315;

FOUCAULT, M. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes 2016.

GARCIA, L. F. B. *Das Ding e os impasses do objeto: duas fórmulas do desejo em O Seminário, livro 7*. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 721-735, dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282016000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000300010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 maio 2023.

GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

JOYCE, J. *Epifanias*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1953-1954). *O seminário, livro 1: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. (1956-1957). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. (1958-1959) *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Publicação não comercial. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.

\_\_\_\_\_. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1964). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1964-1965). *O seminário, livro 12: problemas cruciais para a psicanálise*. Publicação não comercial. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAPLANCHE, J. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LLANSOL, M. G. *Um falcão no punho*. Diário I. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LIMA, F. B. Um estudo sobre o desamparo: da herança ao destino. 2003. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LUCERO, A.; VORCARO, Â. *Das Ding e o outro na constituição psíquica*. Estilos da Clínica, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 230-251, 2009. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282009000200014&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282009000200014&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 maio 2023.

MANDIL, R. *Literatura e psicanálise: modos de aproximação*. Belo Horizonte: Aletria, 2005.

MILLER, J.-A. *Un esfuerzo de poesia*. Buenos Aires: Paidós, 2016.

MASSON, J. M. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PEREIRA, M. E. C. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

PERRONE -MOISÉS, L. *Flores da escrivantina: ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Roland Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PESSANHA, J. Como fracassar em literatura. *Pausa*, Belo Horizonte, n. 100, p. 16-20, jun. 2013. Disponível em: <http://issuu.com/pausa/docs/pausacem>. Acesso em: 15 out. 2022.

\_\_\_\_\_. *J. Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PIGLIA, R. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

QUAGLIA, G. *A dimensão trágica da Hilflosigkeit em Freud*. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ROCHA, G. M.; IANNINI, G. O infamiliar, mais além do sublime. In: FREUD, S. (1919). *O infamiliar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 27-125

ROSA, G.; LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa [Entrevista de 1965, em Gênova, Itália]. In: COUTINHO, E. (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 62-97. (Fortuna Crítica, v. 6)

ROSENBAUM, Y. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, n. 9, p. 5-13, 2012.

SEGANFREDO, G. de F. C.; CHATELARD, D. S. Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61-70, jun. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952014000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 jun. 2023.

SILVA, M. L. Escrever o impossível: elevar a letra à dignidade da Coisa. In: LASCH, M.; LEITE, N. V. de A.; TROCOLI, F. (Org.). Da sublimação à invenção. Campinas: Mercado de Letras, 2020. p. 161-174.

SOUSA, E. L. A. de. O inconsciente e a condição de autoria. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 225-38, 1999.

TROCOLI, F. *A inútil paixão do ser: figurações do narrador moderno*. Campinas: Mercado de Letras, 2015.

VIDAL, E. Em torno do E da questão. *Aletria*, p. 64-68, 2005. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 10 mar. 2022.

WOOLF, V. *O sol e o peixe: prosas poéticas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.